

Título: Inscrições constituintes do psiquismo no laço mãe-bebê

Resumo: o artigo aborda que a inscrição da letra, enquanto inscrição constituinte do psiquismo, depende da economia de gozo que opera no laço mãe-bebê sendo, para tanto, imprescindível o transitivismo. Considera que o gozo materno não se reduz nem a uma dimensão fálica, nem a uma dimensão masoquista, mas que, por meio de um gozo Outro, tal laço pode dar lugar, a partir da letra, a uma criação.

Palavras-chave: letra, gozo, mãe-bebê, psicanálise.

Autor: Julieta Jerusalinsky

Referências do autor: psicanalista, mestre e doutoranda em psicologia clínica pela PUC-SP, pesquisadora vinculada ao Laboratório de Psicopatologia Fundamental; membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre e do Centro Lydia Coriat; professora de pós-graduação na COGEAE-PUC-SP.

Inscrições constituintes do psiquismo no laço mãe-bebê¹

Julieta Jerusalinsky
Manoel Berlinck

A relação mãe-bebê não está garantida por condições naturais, depende do estabelecimento de um laço simbólico. Como situa Freud, tal laço pode vir a se produzir para uma mulher a partir da equação pênis-falo-bebê.² No entanto, no presente trabalho, consideramos que o gozo fálico situado por tal equação está longe de esgotar o que é relativo ao gozo presente na maternidade.

Apresentamos a tese de que a maternidade implica, além de um gozo fálico, um gozo Outro, e que esse gozo Outro da mãe é decisivo no tempo das primeiras inscrições constituintes do psiquismo do bebê.

Consideramos que a inscrição da letra – conceito utilizado por Jacques Lacan para situar as inscrições psíquicas – depende da implicação materna na economia de gozo do bebê. Sua transmissão não ocorre pela via direta de um código, mas por uma sucessão de efeitos enigmáticos no laço com a mãe, enquanto Outro encarnado, diante dos quais o sujeito precisará advir, no litoral entre gozo e saber, corpo e linguagem.

De partida é preciso apontar que as interrogações que deram origem a este trabalho foram despertadas pela práxis clínica com bebês, crianças pequenas e suas mães. Também pela clínica psicanalítica com crianças acometidas por graves patologias, que as exilam da

¹ Este artigo foi elaborado a partir de texto apresentado na defesa da tese *A criação da criança – letra e gozo nos primórdios do psiquismo*, defendida em junho de 2009 na PUC-SP, junto ao Laboratório de Psicopatologia Fundamental sob orientação do Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

² Sigmund Freud (1924). *A dissolução do complexo de Édipo*, p. 223.

condição de falantes, e cuja direção da cura exige trilhar clinicamente as inscrições constituintes do psiquismo, apesar de não serem mais bebês.

Ou seja, independentemente da idade em que ocorra uma intervenção, sempre, na clínica, apostamos no comparecimento do sujeito do desejo. Mas não é indiferente, nos modos de conduzir o tratamento, intervir no tempo dos primórdios da constituição psíquica.

Freud afirma que, ao longo de toda a vida, nosso aparelho psíquico está sujeito a inscrições e reinscrições, mas aponta *bons motivos para acreditar que não há período em que a capacidade de receber e reproduzir impressões seja maior do que precisamente durante os anos da infância*.³ Portanto, temporalidade e inscrições psíquicas são temas profundamente articulados quando se trata dos primórdios do psiquismo.

Na pesquisa de mestrado "A temporalidade na clínica com bebês",⁴ consideramos a relação entre temporalidade e estrutura psíquica na intervenção com a primeira infância.

Por sua vez, o presente trabalho centra-se no tema das inscrições nos primórdios do psiquismo, e, portanto, em como a produção de tais inscrições é sustentada no laço mãe-bebê e, quando necessário, na intervenção clínica.

Por isso, no início, esta pesquisa de doutorado se intitulava: "Da inscrição da letra à condição de falante", interrogando justamente essa passagem das inscrições constituintes do psiquismo à possibilidade de que, a partir de tais inscrições, possa advir um *falasser*.⁵

Que isto ocorra depende inicialmente do modo em que tais inscrições são postas a operar no laço mãe-bebê, no modo em que a mãe fala do, com e pelo bebê, e principalmente como coloca em ato, no exercício de seus cuidados, a letra de forma articulada a certas operações constituintes do sujeito – são elas: estabelecimento da demanda, suposição do sujeito, alternância e alteridade.⁶ Por meio dessas operações a letra é posta a circular em uma articulação, em uma função significativa.

O meio como a letra é posta em jogo, como é transmitida, no laço mãe-bebê é decisivo para que, em um segundo momento, este bebê possa vir a tomar a palavra, possa produzir, de modo singular, alinhando tais inscrições com o fio do desejo, já que, como afirma Freud, é o fio do desejo que une passado, presente e futuro.⁷

Se isto foi o inicialmente proposto, ao longo da pesquisa a tese foi tomando sua forma. Passaram a ser centrais as concepções de que:

1) A letra (enquanto inscrição psíquica) só produz seu efeito de inscrição na medida em que diz respeito a um gozo no laço mãe-bebê.

2) A concepção de que é decisivo para o exercício da maternidade, assim como para a constituição psíquica do bebê, que, a partir desse gozo e dessa letra, haja lugar para uma criação no laço mãe-bebê.

Daí o título que acaba finalmente por nomear esta tese: "*A criação da criança – letra e gozo nos primórdios do psiquismo*".

Tal título deixa em relevo uma dimensão equívoca: por um lado a criança seria objeto de uma criação e, por outro, sujeito que cria. É esta mesma dimensão equívoca que está comportada nos jogos constituintes do sujeito, jogos que são precursores do *Fort-Da*,

³ Sigmund Freud (1905). Três ensaios sobre a sexualidade, p. 179.

⁴ Defendida em 2003 na PUC-SP sob orientação do Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck.

⁵ Neologismo cunhado por Jacques Lacan, como certa derivação do conceito de sujeito do inconsciente, mas que vem tirar todo e qualquer caráter de uma identidade a esse sujeito, apontando que, em definitivo, o inconsciente, seu comparecimento, não seria nada mais do que alguém que fala. O *falasser* é um animal habitado pelo gozo parasitário da linguagem, gozo fálico e que, desde então, se experimenta de modo disjunto do seu corpo.

⁶ Julieta Jerusalinsky. *Enquanto o futuro não vem – a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*, p. 248-252

⁷ Sigmund Freud (1907/8). O escritor criativo e o devaneio, p. 153.

jogos que são sustentados no laço mãe-bebê e nos quais mãe e bebê permanentemente transitam nas posições de criador e criatura.

A mãe propõe um jogo ao bebê, por exemplo, cosquinhas. Uma vez que o bebê se oferece a esse jogo, rindo com ele, ou seja, uma vez que o bebê engajou aí o seu gozo, a mãe passa a atribuir ao bebê o saber, a autoria sobre esse jogo. Ele é quem "quer brincar, ele é quem sabe" afirma a mãe. Assim ela sustenta para o bebê a inscrição de um litoral entre gozo e saber.

Propomos, então, considerar de modo mais detido a inscrição da letra e a economia de gozo no laço mãe bebê:

Sobre a letra enquanto inscrição psíquica

É preciso deixar em relevo que o conceito de letra é trazido à psicanálise por Lacan para situar as inscrições psíquicas e sua relação com a linguagem. Pois, se bem Freud tenha proposto diferentes metáforas escriturais do aparelho psíquico - tais como a de sonho enquanto rebus ou hieróglifo ou da interpretação enquanto decifração⁸ -, é Lacan quem propõe que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Isto faz necessário situar com clareza o que entendemos por letra, para que não se tenha a ideia de que o inconsciente seria uma espécie de "escritura sagrada", comportando um sentido já decidido, que o analista, como bom-entendedor, viria desvendar. Ou a ideia de que, a partir do laço com a mãe, já se inscreveria no bebê um código positivado - pois sabemos que é preciso uma série de operações psíquicas que comportam o enigma do desejo que institui o laço mãe bebê⁹ (ou seja, uma sucessão de inscrições e rasuras) para que a criança advenha como falante e para que possa chegar a escrever. E, portanto, a relação entre letra enquanto inscrição psíquica e enquanto ato de produzir um escrito não é imediata.

Ocorre que, em relação a essas inscrições, em relação à letra em instância no inconsciente, o sujeito precisará se produzir. Para tanto não basta um sonho, um ato falho, um sintoma, que comparece como uma letra caída da série. É preciso que o sujeito se implique ao procurar produzir a partir dessa letra caída da série um alinhavo significativo. Temos aí o trabalho de uma análise e é por meio desse trabalho que deslizamentos de sentido podem advir a partir do *non-sense* que as formações do inconsciente colocam em cena.

Assim, em um momento inicial da pesquisa, aparecia a correlação da letra (enquanto inscrição psíquica) com o significante, enquanto produção que testemunha o comparecimento de um sujeito no ato da enunciação. Mas, ao longo da pesquisa, foi ganhando peso a concepção da letra enquanto uma moeda de duas caras: uma que se volta ao significante (à articulação simbólica) e outra que se volta ao gozo. Mais do que isso, a concepção da letra enquanto o que inscreve o litoral entre gozo e saber; corpo e linguagem: duas substâncias de diferentes ordens e que, no entanto, são indissociáveis (pensemos na metáfora de um litoral, que, diferentemente da fronteira, não é uma linha fixa, ela permanentemente é retraçada).¹⁰

A concepção da letra enquanto litoral entre gozo e saber não é única nem definitiva na obra de Lacan, mas ela permite considerar esta relação entre corpo e linguagem decisiva para os primórdios da constituição. Ela permite formalizar o que Freud já advertira em sua

⁸ Por exemplo, em *A interpretação dos sonhos*.

⁹ Alfredo Jerusalinsky (2008). *Saber Falar*.

¹⁰ Jacques Lacan (1971). Literatorerra, aula 7 do seminário 18. *Che vuoi?*, Porto Alegre, ano 1, n. 1, 1986, p. 17-32.

clínica: que a linguagem organiza a economia de gozo e que o gozo comparece subvertendo a língua no ato da enunciação. Por isso, diante da doença que afetava o corpo, Freud propôs intervir com palavras, estabelecendo nexos simbólicos entre certas inscrições recalçadas. Ali a interpretação é uma decifração – decifração não como revelação de um sentido oculto estabelecido, mas decifração como o que permite fazer a cifra, a letra, operar. O trabalho de análise pode produzir uma reinscrição que, por meio de um realinhamento significativo, reorganize o gozo. Mas isso não equivale a dizer que caiba qualquer jogo de palavras. A interpretação não consiste em uma livre errância da significação, está em jogo a associação (livre) do paciente, ou seja, o que importa é o que tange a sua economia de gozo. Por isso o que interessa à clínica do psicanalista é menos a linguística do que a *linguisteria*.¹¹

Situamos a letra enquanto inscrição no inconsciente estruturado como uma linguagem; seu comparecimento como letra caída da série nas formações do inconsciente; e ainda o trabalho de análise como uma transliteração que opera nos diferentes registros da letra: por um lado em sua articulação significativa, e por outro na faceta de real, de gozo que ela arrasta.

No entanto, como bem dizia Freud, o método da associação livre é insuficiente para as crianças. A clínica nos primórdios do psiquismo faz comparecer aí suas peculiaridades, dado que se trata de *infans* ou seja, daquele que (ainda) não fala.

Nessa clínica intervimos a partir do *dado a ver* no corpo do bebê. Diante da insuficiência de suas inscrições, diante de sua insuficiência para circular na linguagem, é com o seu corpo que o bebê responde ao Outro encarnado e é desde o crivo simbólico do Outro, das séries sustentadas pela mãe e que pontuam espacial e temporalmente as funções corporais do bebê que estas funções estabelecem um modo de funcionamento.

Encontramos aí a não correspondência entre corpo e sujeito que fica em relevo nos primórdios da constituição psíquica. O aparelho psíquico da mãe funciona proteticamente sustentando o funcionamento corporal do bebê – este funcionamento dá a ver o modo como o bebê está se constituindo a partir desse laço.

Ao mesmo tempo é porque o bebê é considerado pela mãe como portador em seu corpo de um enigma sobre o desejo materno que, o que ele dá a ver em sua produção assume no laço com a mãe o caráter de uma formação do inconsciente.

Se diante do *dado a ver* no corpo do bebê irrompe permanentemente um estranhamento ou, por outro lado, um sentido fixo, as operações constituintes do sujeito não se produzem no exercício da função materna. Por isso o clínico intervém na articulação entre o *dado a ver* no corpo e a atribuição de sujeito no bebê.

Ali o clínico opera não só pela escuta, mas por uma leitura na intervenção clínica. O olhar do clínico é convocado diante do *pathos*¹² *dado a ver* no corpo do bebê, mas isso não implica necessariamente recair em uma "observação de bebês". Para ler também se usam os olhos, mas operando uma mudança de registro da letra.

Isto fica em relevo no recorte clínico em que Santiago, de menos de um ano, sofria de convulsões de difícil controle e que eram antecedidas pelo gesto de levar a mão até o olho, causando na mãe a afirmação: "olha ela ali!" Tratava-se de uma irrupção do real – por um lado do real de seu quadro orgânico, da convulsão (olha ela ali!) -, por outro, de uma repetição fantasmática, dado que essa mãe tinha uma irmã esquizofrênica (olha ela ali!).

Na intervenção propõe-se um jogo de cadê-achou ("Cuco! Cadê Santiago?", afirmo quando ele realiza o gesto. "Aqui está!", quando retorna da convulsão). Santiago engajou-se nesse jogo e passou a voltar da convulsão procurando o olhar e, por vezes,

¹¹ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 25.

¹² Manoel T. Berlinck. *Psicopatologia Fundamental*, p. 18-22.

passou também a interromper o gesto de levar a mão ao olho, passando a sorrir diante do "aqui está!" à sua espera.

Assim, isso que irrompia pôde ser tomado em uma série. Pôde se produzir, por meio dessa leitura, um passagem. O levar a mão ao olho pôde também operar em outro registro.

Sobre a inscrição da letra e a economia de gozo no laço mãe-bebê

Com bebês e com crianças que ainda não falam fica em relevo a importância, para além do enunciado, de todos os *shifters* que acompanham o ato da enunciação: o olhar, o gesto, a entoação que situam a criança como interlocutor, como destinatária e portadora de uma mensagem enigmática. A fala do outro não conta só pela teia que atribui significações no enunciado, mas pelo que, no ato da enunciação, convoca, inscrevendo continuidades e descontinuidades que afetam o bebê em sua economia de gozo.

Por isso, na clínica com crianças que ainda não falam, comparece a importância do cruzamento entre entoação e significante, ora sustentando uma série, ora marcando uma descontinuidade: no "cadê-achou!", "aqui-lá!", "caiu-peguei", no "opa!", "opa lelê", "eta!", "um, dois, três e já!" oferecidos à criança diante do que a afeta em seu fazer.

Quando nos perguntamos o que engancha a letra ao corpo, o que possibilita uma passagem entre o gozo do vivo e uma estrutura linguageira, encontramos o quanto é central que o significante do Outro encarnado se apresente fazendo corte e costura às funções corporais do bebê. Isto só é possível se o que se passa no corpo do bebê afeta a economia de gozo da mãe. Por isso a mãe subverte a língua, produz uma *alíngua*,¹³ que torna "mais morno o vazio das coisas" (como certa vez foi pixado na entrada de uma instituição dedicada ao trabalho com crianças), ela faz com isso comparecer na língua um gozo que convoca o bebê.

Para tanto é central o transitivismo, pelo qual a mãe se vê afetada pelo que afeta o bebê, oferecendo-lhe no "ai" que ela pronuncia quando ele cai uma possibilidade de representação do afeto pelo qual o bebê pode vir a apropriar-se dessa dor, fazendo-a sua. Apropriando-se de seu corpo ele chora. Logo, a mãe o consola, se separa.

Consideramos que a mãe não faz isso de modo abnegado, mas porque extrai daí um mais-de-gozar,¹⁴ um ganho de gozo.

Diferentemente da tese proposta por Bergès e Balbo,¹⁵ não consideramos que o gozo do transitivismo seja essencialmente masoquista. Discordamos também das teses da *mater-dolorosa*, tal como a de Helen Deutsch,¹⁶ que calcam o gozo materno necessariamente em um gozo masoquista.

Consideramos que o transitivismo opera por meio de uma identificação da mãe com o gozo da passividade do bebê, por isso ela busca poupar-lhe o esforço que custa a satisfação. Daí que a mãe cansada se detenha alguns instantes e se deleite em ver o bebê dormindo em lugar de ir correndo para a cama devido ao seu próprio cansaço; ou que ceda diante do pedido da criança de abocanhar seu último pedaço de sobremesa. "Desfruto duas vezes mais ao vê-lo desfrutar disso" - esta afirmação, tão comum às mães, revela o *mais-de-gozar* que obtêm por meio da identificação transativista com o gozo da passividade do bebê.

¹³ Termo forjado por Lacan nos seminários 19 e 20 para apontar a diferença em relação ao lugar que a linguagem tem no estruturalismo e na psicanálise, sendo que ao psicanalista importa o ponto em que a língua se encontra com o gozo.

¹⁴ Jacques Lacan (1969-1970). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*, p. 75.

¹⁵ Como apontam Jean Bergès e Gabriel Balbo (1998). *Jogos de posições da mãe e da criança*.

¹⁶ Helene Deutsch (1929). *O masoquismo "feminino" e sua relação com a frigidez*, p. 12.

Assim, a implicação do gozo para a inscrição da letra nos levaram, ao longo da pesquisa, a considerar a economia de gozo materno implicado no laço mãe-bebê.

O laço mãe-bebê precisa ser estabelecido. Tal relação mãe-bebê não está dada: ela não é natural, não é dual e é profundamente assimétrica, já que mãe e bebê partem de condições psíquicas extremamente diferentes no estabelecimento desse laço. Ele depende de complexas operações psíquicas para se produzir. A maternidade não é nem da ordem do que pode ser conhecido por erudição nem do que é sabido instintivamente, depende de um *saber-fazer ali com isso*, de um saber inconsciente que é posto em exercício pela mãe nos cuidados com o bebê.

Considerando as operações psíquicas que implicam que uma mãe acolha o recém-nascido como bebê encontramos a equação simbólica pênis-falo-bebê situada por Freud.

Apesar de que haja uma diversificação nos modos sociais de acesso de uma mulher ao gozo fálico, a maternidade, se bem não seja a única, pode ser uma delas. O laço mãe-bebê é permeado por um gozo fálico, não restam dúvidas. Para confirmá-lo basta escutar todas as oscilações entre a exaltação e a angústia diante de uma decepção fálica que tanto permeiam as falas das mães nos primórdios dos cuidados de seu esperado bebê.

Mas resta interrogar se esta dimensão fálica esgota o que é relativo ao gozo que uma mulher pode extrair da maternidade.¹⁷ Nesta tese consideramos que não.

Após Lacan tem sido corrente conceber que, diante da divisão em diferentes modos de gozo próprios da posição feminina na sexuação, caberia à maternidade apenas o gozo fálico, e ao exercício sexual de uma mulher com um parceiro um gozo Outro.

Nos permitimos discordar de tal concepção, pois consideramos que um gozo Outro pode se apresentar também na maternidade e não simplesmente de modo contraposto a esta. A identificação transgressiva com o gozo da passividade do bebê permite à mãe extrair um mais-de-gozar que não passa necessariamente pelo falicismo e que, no entanto, tem uma dimensão estruturante para o bebê em sua constituição.

Neste percurso interrogamos a tríade passivo-feminino-masquista em relação à feminilidade e à maternidade, considerando que, se bem o masquismo tantas vezes apareça na clínica com mulheres e mães, isto seria mais um efeito do golpe da castração que as faz insistir em uma fantasia de aviltamento do que necessariamente um ponto de chegada de um gozo da feminilidade ou da maternidade. Se a feminilidade implica confrontar-se com a falta radical de um significante no Outro que nomeie o que é ser mulher, isto pode abrir lugar para uma criação.

Aí, em lugar do círculo infernal do gozo do Outro em que se busca uma complementariedade diante da falta, abre-se lugar com um gozo Outro para criações suplementares que, mesmo se servindo da função paterna, não se detêm no complexo de Édipo.

Isto não é sem consequências para o filho. Se a maternidade pode dar lugar a um ato criativo para uma mulher, por sua vez, a criança tem aí uma brecha para vir a ser criadora no brincar. Quanto menos ela estiver aprisionada nas fantasias do devorar e do ser devorada próprias da montagem do gozo do Outro que busca uma complementariedade, mais ela poderá ter lugar para um brincar que cria de modo suplementar.

Daí que a letra e o gozo nos primórdios do psiquismo possam dar lugar à criação da criança.

¹⁷ Jacques Lacan (1960a). Ideas directivas para un congreso sobre sexualidad femenina, p. 709.

Referências:

- BERGÈS, J.; BALBO, G. (1998). *Jogos de posições da mãe e da criança*. Porto Alegre: CMC, 2002.
- BERLINCK, M. T. *Psicopatologia fundamental*. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2008.
- DEUTSCH, H. (1929). O masoquismo “feminino” e sua relação com a frigidez. XI Congresso Internacional Psicanalítico, Oxford. *Boletim da APPOA*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 10-13, 1990.
- FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 4 e 5.
- _____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 7, p. 123-152.
- _____. (1908). Escritores criativos e devaneio. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 9, p. 147-158.
- _____. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 19, p. 215-224.
- JERUSALINSKY, A. *Saber falar*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- JERUSALINSKY, J. *Enquanto o futuro não vem – a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*, Salvador: Ágalma, 2002a.
- LACAN, J. (1960a). Ideas directivas para un congreso sobre sexualidad femenina. In: *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1987. p. 704-715.
- _____. (1969-1970). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- _____. (1971). Literatorra, aula 7 do seminário 18. *Che vuoi?*, Porto Alegre, ano 1, n. 1, 1986, p. 17-32.
- _____. (1972). *Seminário 19. ...Ou Pire*, clase 5 “El saber del psicoanalista”, Edición electrónica de texto establecido para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.
- _____. (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.